

Nemésio, Nemésios

Um saber plural



Edições
Colibri

A alquimia de Nemésio

Maria Leonor Pavão

Universidade dos Açores

...onde se diziam estrelas e boninas do campo, eu digo electrões e moléculas
Vitorino Nemésio, em entrevista a Natália Correia, 1972

As minhas primeiras palavras vão para a Comissão Organizadora deste Seminário, a quem cumprimento muito especialmente e a quem agradeço o honroso convite, decerto irrecusável, para aqui estar hoje. Desejo igualmente dirigir as mais cordiais saudações a todos os outros participantes neste painel – *Ciência e Conhecimento Científico* – especificamente dedicado a um dos muitos saberes de Vitorino Nemésio. É sempre com enorme satisfação, ainda que temperada de algum justificado receio, que tomo parte em iniciativas de homenagem e reflexão sobre a sua obra, desde logo porque tive o privilégio de conhecer pessoalmente Nemésio, facto que não é de todo alheio à profunda admiração que criei pela sua pessoa e pela sua obra, tornando-me devedora da sua memória. Depois, devo confessar, estas “incurções” especiais que tenho feito em terreno alheio, ainda que num âmbito muito particular – o de pequenas contribuições para a clarificação de metáforas de raiz “científica” utilizadas pelo poeta em *Limite de Idade* – trazem-me imenso prazer. Com efeito, desamarram-me momentaneamente das peias criadas em prol duma escrita mais “seca” e enformada, quase sempre em inglês, dos artigos ditos científicos, sem que outras me sejam impostas. Saboreando os poemas, apenas me deixo guiar por uma sensibilidade natural, iluminada por aquilo que aprendi ou que apreendi como essencial da face biológica da Vida e que tenho como as contas do meu rosário diário – os tais electrões e, sobretudo, as moléculas de que somos feitos.

Da leitura e meditação de *Limite de Idade*, obra que o próprio autor designou como “delírios microfísicos e biopoéticos”, surgem-me claramente

como relevantes três observações ou motes de discussão que gostaria de partilhar convosco.

A primeira, indubitavelmente, tem a ver com a curiosidade intelectual de Nemésio – ingrediente indispensável ou motor de pesquisa na busca de respostas às grandes interrogações do Homem de todos os tempos sobre a sua origem, a sua natureza e o seu destino. São pois também as do Poeta pensador, como homem da *Era do átomo*, por ele próprio definida e que tomo agora ao nível das novas concepções do Mundo físico que contempla. E nestas se incluem, sem dúvida, numa perspectiva mais alargada, não apenas as que nos foram trazidas pela Física Moderna – a das partículas e do princípio de incerteza de Heisenberg ou dos novos conceitos de espaço – tempo, mas também pelas que são produto do desenvolvimento alucinante das Ciências da Vida no século passado, sobretudo na sua segunda metade. Refiro em particular a Bioquímica e os seus diversos ramos, como a Genética Molecular – enquanto, tal como aquela, ao nível molecular se define o seu conteúdo – ou as suas aplicações a outros domínios científicos, como os da Medicina e da Agronomia. Utilizando uma linguagem química, tida como a lógica de todos os fenómenos biológicos, a Bioquímica debruça-se sobre os aspectos estruturais da matéria viva, mas também sobre os funcionais (enquanto do fisiológico e dos desvios do fisiológico, ou “patológico”, trata) e ainda sobre os respeitantes ao desenvolvimento do ser vivo, sempre em mudança num processo contínuo desde que é gerado até à sua morte física. Quem não tem hoje no seu vocabulário comum termos como proteínas ou glícidos? Quem não associa diabetes a insulina, a primeira proteína humana a ser produzida industrialmente por microrganismos devidamente programados? Quem não se espantou com a descodificação do Genoma Humano e com as perspectivas que abre no domínio da saúde? Quem não ficou apreensivo com a polémica sobre os organismos geneticamente modificados, pelos alegados riscos da sua utilização em grande escala para a produção de alimentos?

Tudo isto a propósito da curiosidade de Nemésio, curiosidade eivada de admiração e até diria de rendição aos grandes achados da Ciência do seu tempo e aos seus obreiros. Patente em vários poemas, essa admiração é no entanto logo claramente expressa na dedicatória do livro a Aurélio Quintanilha, de cuja biografia o autor realça, com cuidado detalhe, os principais feitos e contribuições para o desenvolvimento da Genética. E cito apenas este qualificativo – “precursor dos prodígios do Código Genético (ADN) ao achar coisas tão novas que pareciam absurdas ...”.

Curiosidade avassaladora, compulsiva e ousada, que o leva a transpor as barreiras de outras linguagens a que a sua formação académica naturalmente não dava acesso, penetrando no intimismo das coisas da matéria, incluindo a viva, não só ao nível conceptual, mas também ao metodológico.

De facto, estudioso diligente, escolhe o caminho mais correcto, o mais enriquecedor para os seus intentos, que não é necessariamente o mais rápido e directo. Isto é, interessa-se não apenas pelos resultados líquidos, grados, das descobertas – os que vêm pela divulgação mais corrente – mas que, só por si, não dão nota precisa dos processos e da génese das ideias que traduzem; antes procura os materiais e estratégias seguidas pelos investigadores no seu trabalho concreto. Apercebe-se, pois, do papel primordial que na “mesa da Preparação” assumem os modelos biológicos utilizados, os “nossos irmãos moleculares” que, na sua “dócil sujeição de bichos” (1), imolam a vida por nosso amor, que ansiamos sem descanso por mais conhecer e aplicar: são os materiais de estudo e análise, frequentemente obtidos por trituração de tecidos e centrifugação, na forma de “homogenatos”, a partir do fígado do ratinho, da fibra do cachalote ou do músculo do pombo. Nemésio tenta assim seguir a própria evolução do pensamento científico que, a partir de uma placa de Petri ou de um simples tubo de ensaio, salta para a conceptualização e se aproxima por isso de uma visão mais aperfeiçoada dessa organização maravilhosa que é a vida vista ao nível molecular:

...

Oh, dócil sujeição dos bichos,
 Nossos irmãos moleculares,
 Imolando nas aras centrifugadas vida,
 Dando o pobre corpinho ao manifesto da Certeza
 Que, se não consola a alma,
 Ao menos explica e previne:
 À santa mesa da Preparação
 O pombo traz o seu músculo,
 O cachalote a fibra,
 O ratinho o seu fígado,
 O cavalo sua heme,
 Cada qual como mãe que ao filhinho amamenta.

Quanto a *Escherichia*, casta musa, a entranha aos vírus coxos
 Cede por nosso amor, maternal, e rebenta.

E Nemésio transforma o “tubo de ensaio” em “tubo de ensaiar” os seus pensamentos, elevando-o assim à categoria de símbolo, mais um, para a sua construção poética – que afinal “a Poesia é um louco laboratório”, diz ele (2). Desta feita, a matéria de base é a fotossíntese. São as árvores do Canadá, ou a massa verde, já pouca, dos seus “galhos hibernais” que, captando e transformando energia radiante em energia química, de dióxido de carbono e água faz tudo o que é seu e até, imagine-se, como produto secundário, liberta

o oxigénio que respiramos e para que também contribuímos, enquanto matéria orgânica degradável somos!

Árvores do Canadá, uma por uma,
 A caminho de Ottawa, de autocarro,
 Propõem seus galhos hibernais ainda
 À minha angústia já primaveril.
 Com tão pouca matéria a fotossíntese,
 Que oxigénio de amor espero eu delas,
 Com que carbono as poderei amar?
 Porque, enfim, eu morrendo dou-me aos bosques,
 A tal selva de Dante é a dor da espécie,
 E o *mezzo del camin* aqui passar.
 Só é estranho que fracos pensamentos
 Eu verta nestes tubos de ensaiar:
 Eu, que, por causa de *Escherichia Coli*,
 Quase não sei (como se diz?) – meiar...
 A Poesia é um louco laboratório,
 E eu dispo a bata para não chorar

Curiosidade, ainda, que lhe traz na volta um novo dimensionamento do mundo, particularmente do Homem e, sobretudo, de cada homem, como criatura única, irrepetível mas frágil, cujo desempenho, passível de julgamento, reflecte tremendamente a sua condição biológica, enquanto produto de um determinismo feroz criado pela informação genética que o gerou e que ele carrega, sem culpa, durante a vida inteira (3):

Afinal sou assim, infeliz e volúvel,
 Porque minha alma guarda uma ordem diversa
 De pulsões celulares ao longo do seu eixo:
 Decifre-me quem saiba, – que, dispersa,
 Com o nome de A.D.N. aqui na cruz a deixo.

Nervo a pavor, fonte renal de rijo,
 Cor dos meus olhos, estatura, gosto,
 Quanto me importo, ó Deus, quanto me aflijo,
 Tudo A.D.N. inscreve no meu rosto.

Ou seja, a ideia e o sentimento, decerto angustiantes, de que a sua efectiva quota parte de liberdade, entendida como responsabilidade para agir, intervir e condicionar o seu próprio destino – essa sim, fonte de virtude, de pecado e de contrição, por misericórdia de Deus – é afinal definida, por um critério que se desconhece e sem medida palpável, pelo que lhe resta das marcas que a Natureza lhe gravou à partida (4):

...

Nossa angústia é enrolada a *triplet* químico,
 Invariante e genuína nos seus fósforos,
 Angústia herdada até que descanse, alheia,
 Só então indolor na fúnebre oficina,
 Fermentada e relictas, ao inerte paralela.

Mas o Poeta não se resigna, não sossega no ADN e sofre pelo seu “vão destino insone” (5):

Porque não fazer com meus muros molécula,
 do meu porto abrigado
 Morte per *omnia saecula*
 E ficar resignado,
 sossegar no ADN
 Meu vão destino insone...”

E a curiosidade leva-o ao fascínio – esta é segunda observação que quero realçar. Um fascínio que, nascendo da sua percepção dessa espécie de “admirável mundo novo”, é também lúdico – “... onde se diziam estrelas e boninas do campo eu digo electrões e moléculas”, são palavras do Poeta a Natália Correia. Nemésio tira prazer e joga com humor, pelo absurdo intencional ou pelo especulativo, com as significações novas que encontrou para termos velhos. E quanto aos novíssimos de forma e conteúdo, aos importados de outras linguagens, neles reconhece sonoridades diferentes, que tocam a sua sensibilidade de poeta, na sua componente essencial de musicalidade, inata ou natural, porque alheia a qualquer conhecimento técnico formal. É a apreciação ou a valoração do timbre que cada palavra possui, das ressonâncias que provoca ou que sugere, do ritmo e da cadência que imprime ao texto em que se insere, do equilíbrio da forma para que concorre. Tudo, a bem de uma expressão precisa e sintética do sentido que lhe quer dar, obrigatoriamente bela aos seus ouvidos e, forçosamente, para se cumprir por inteiro, aos do destinatário final. E neste, Nemésio inclui o leitor comum quando diz, em entrevista a Natália Correia, a propósito das metáforas ou dos sistemas de imagens que utilizou na sua obra – “O leitor comum não precisa de conhecer o código específico das ciências respectivas – este está lá, tácito. Quem tiver preparação, percebe. Quem não...contenta-se com a leitura poética”.

Mas, e agora digo eu, se o desconhecimento dos códigos não veda o acesso à leitura poética dos textos, é certamente um factor limitante da sua plena compreensão. É o aparente hermetismo da obra, que pode sugerir aos mais desprevenidos ou menos preparados uma utilização aleatória de vocábulos indecifráveis e sem sentido.

Então, passo à minha terceira observação – a substância fundamental, o ponto de partida da imagística do Poeta, aliás já bem explícito no que já referi. Das suas leituras aturadas, o autor não só apreendeu bem os conceitos, como também os transformou em novos instrumentos de beleza, à medida do seu poder criador, a partir do seu sentido original. Ou seja, para além da sua utilização simples como ornamentos, criadores de uma certa atmosfera de magia ou de mistério, Nemésio tirou proveito do próprio conteúdo semântico das novas palavras e do respectivo contexto de origem. Não são, pois, atiradas ao acaso, como quem tem de exhibir uma nova aquisição, ainda que bela, numa espécie de novo-riquismo intelectual. O melhor exemplo, porque subjacente à construção de vários poemas, alguns dos quais já citados, é o tema central da vida molecular, o da “escada a quatro lanços” (6), o das bases infieis e seus “engates com fósforo” (7) que trouxeram a muda ao Imutável, ou o do α -aminado que nos irmana (7) – homem e tudo o que mais vive. Aquele que encerra, por excelência, uma forma de comunicação de linguagens que só é especial porque os códigos que utiliza estão inscritos em moléculas. Refiro-me, naturalmente, ao espantoso sistema de armazenamento e transmissão da informação genética de que cada um de nós é fruto e garantia de continuidade ou preservação a longo prazo. O tal que, qual frase ou texto bem construído, assenta num ordenamento preciso de palavras (as bases Timina, Adenina, Citosina e Guanina do A.D.N.), que se traduz, cheio de sentido, nos ossos e músculos que temos ou no “nervo a pavor” (3) do Poeta. É o diálogo entre polímeros – ácidos nucleicos e proteínas, comandado pela “Hélice” (6) que contemos:

“Hoje o homem é o bicho sem sentido,
 A formal secreção da morte,
 A escada da vida a quatro lanços:
 Adenina, Timina,
 Guanina, Citosina:
 Se uma falta, lá se vai a base à muda ñç Imutável:
 O Símio louco toma o assento ao cordo humano,
 O Diabo leva a Deus a palma no fingido,
 O poeta bateu o record da mentira
 No laço anacoluto:
 Timina, Adenina,
 Citosina, Guanina:
 Quatro mulheres infieis me deixaram de luto.

O significado do ADN, no seu essencial, já é dado adquirido para o homem de hoje – é divulgação dos nossos dias. A linguagem química, essa,

continua infelizmente a constituir um obstáculo para muitos, impeditivo do acesso a um entendimento mais largo das coisas.

Os poemas de que falamos têm trinta anos. Vitorino Nemésio, Professor de humanidades, avidamente desperto para as novas do seu tempo e a abeirar o limite de idade imposto por lei, ousa penetrar num mundo que lhe é estranho. Dele ressurgue fervoroso Adepto da Ciência (não da Alquimia). Porém, qual alquimista virtuose, fascinado pela sua matéria-prima, hermeticamente a encerra no vaso da sua criação e, alcandorando *Escherichia* a "casta musa" (1), transmuta electrões e moléculas em estrelas e boninas do campo.

Poemas referenciados no texto (in *Limite de Idade*, Estúdios Cor, Lisboa, 1972):

- 1 - "Micro - Moral", p. 99
- 2 - "Tubo de ensaio", p. 27
- 3 - "A .D. N.", p. 55
- 4 - "Fibra enrolada", p. 101
- 5 - "Molécula", p. 35
- 6 - "Hélice", p. 25
- 7 - "Diálogo Polimérico", p. 95